



VOZ DA FÁTIMA

Se em Lourdes, de há um século para cá, fervorosas preces públicas e particulares têm alcançado de Deus, por intercessão de Maria, tantas graças de saúde e de conversão, Nós temos toda a confiança que, neste ano jubilar, a Senhora querará ainda responder com liberalidade à expectativa de seus filhos; mas temos sobretudo a convicção de que Ela nos exorta a recolher as lições espirituais das aparições e a seguir o caminho que tão claramente nos indicou.

Pio XII, na Carta Encicli a ao Episcopado da França, de 2 de Julho de 1957

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XXXVI — N.º 425
13 de FEVEREIRO de 1958

Avença

NO CENTENÁRIO DE LOURDES

Da gruta de Massabielle à azinheira da Cova da Iria

pelo Cónego C. Barthas

NO dia 11 deste mês faz exactamente cem anos que a Mãe de Deus se mostrou a Bernadette, num recôncavo da gruta de Massabielle, perto de Lourdes. A França e o mundo inteiro celebram com redobrado fervor este ano centenário.

Há um século que multidões numerosas desfilam diante da rocha bendita e que Nossa Senhora ali derrama a abundância das suas graças sobre as almas e sobre os corpos. Não pretendemos fazer a história destes cem anos de peregrinações, de conversões, de curas, de maravilhas de toda a ordem, nem enumerar os benefícios que Lourdes trouxe ao mundo e à França; mas, nesta publicação dedicada à glória da doce Senhora da Fátima, desejáramos mostrar em breves palavras como Lourdes foi a preparação, como que o prefácio da Fátima. E mostrar igualmente como as duas manifestações marianas são prova da vigilante solicitude com que a Mãe de Deus olha pela Igreja e pelo mundo.

* * *

Por meados do orgulhoso século XIX, o Coração Imaculado de Maria contemplava do alto do Céu o triunfo do racionalismo e do naturalismo sob as suas diversas formas.

No século precedente, J. J. Rousseau tinha dito: «O homem nasce bom; a sociedade é que o deprava». E os filósofos tinham repetido e desenvolvido esse falso axioma, o que fizera nascer nos espíritos muitos erros.

Uns diziam: «Visto ser a sociedade a causadora da nossa depravação e dos nossos males, mudemos desde a sua raiz a constituição da sociedade humana». E daqui nasceu o socialismo, que logo deu origem ao comunismo.

Outros proclamavam: «Se o homem nasce bom, para quê limitar-lhe a liberdade, para quê pôr-lhe freios? A liberdade será o melhor factor de progresso humano». E daqui nasceu o liberalismo e a falsa democracia sem Deus.

Outros diziam ainda: «Se o homem é naturalmente bom, pode por si mesmo atingir o progresso». Houve até certos sábios que julgaram ter demonstrado que o homem chegaria por si só, por uma evolução fatal, a construir aqui a sua felicidade e a estabelecer no mundo o paraíso.

Ora — coincidência histórica notável — as obras principais dos fautores destes sistemas (Stuart Mill, Karl Marx, Darwin, etc.) foram publicadas entre 1850 e 1860.

Foi esse o momento escolhido pela Santíssima Virgem para fazer proclamar o dogma da sua Imaculada Conceição (1854) e também para vir a Lourdes confirmar por Si mesma esta verdade fundamental, base ou fecho de todo o mundo sobrenatural, como muitas vezes se tem demonstrado.

Assim, enquanto Pio IX, com a ajuda dos melhores teólogos romanos, trabalhava laboriosamente na organi-

zação da lista das proposições errôneas do racionalismo e do semi-racionalismo (publicadas mais tarde com o nome de *Syllabus*), Nossa Senhora vinha pulverizá-las, pronunciando apenas três palavras na concavidade dum rochedo. Não faz longas dissertações. À «Vencedora de todas as heresias» basta-Lhe dizer o seu nome a uma pobre pastorinha ignorante.

Em sua celeste linguagem, quer Ela dizer-nos: «Sim, o homem saiu bom das mãos de Deus. Mas per-



deu-se pelo seu pecado, e não pela sociedade. Só Eu é que nasci imaculada; mas foi por uma graça especial de Deus, em atenção aos méritos da morte de meu Filho. Sem a sua Redenção e fora da sua lei de amor, não pode haver verdadeira liberdade, nem progresso completo, nem paz social. Sem a graça somos todos pecadores, votados à desordem e ao castigo.

Maria, em Lourdes, justificou o ensino da Igreja e glorificou o Papado.

Avancemos no tempo mais sessenta anos. Lourdes, pelo desenvolvimento do culto mariano, pelos milagres, pelas conversões e por todo o movimento de vida religiosa que provocou, refeou certamente os progressos do racionalismo.

E contudo a perversão das ideias continuou a fazer estragos num grande número de espíritos. Maria, nas suas aparições de Paris (1830), de La Salette (1846) e de Lourdes, tinha ameaçado o mundo pecador com as piores catástrofes, se ele não se convertia. Os Papas, verificando o esmorecimento da fé entre as massas, não cessavam de advertir os homens no mesmo sentido. Leão XIII escreveu nove encíclicas para recomendar a reza do terço, a fim de evitar os castigos divinos. E eles vieram, nessas guerras monstruosas, como nem sequer se podiam imaginar.

Mas nada disto trancou de vez os progressos do racionalismo. Pouco a pouco, as três formas principais do racionalismo foram-se coligando nessa síntese diabólica que se chama o comunismo ateu. E tal monstro ideológico chegava, em 1917, a apoderar-se do poder político numa das nações mais populosas do mundo. Com as palavras de paz, de liberdade, de progresso, de ciência, o comunismo quis estabelecer o paraíso na terra; e já podemos ver por nossos próprios olhos que apenas conseguiu criar este inferno...

E a guerra atômica continua suspensa por um fio sobre as nossas cabeças!

Leão XIII morreu em 1904. Treze anos mais tarde, Nossa Senhora aparece na Fátima com um terço nas mãos e a Si mesma se proclama «a Senhora do Rosário», confirmando assim os ensinamentos do grande Papa. Vinha para opor às nuvens negras que se levantavam naquele momento a Leste da Cristandade, a luz celeste que por instantes brilhou aos Pastorinhos de Aljustrel.

Ora Maria não lhes fala de dogmas: ante o novo monstro que ameaça devorar a Humanidade, é inútil falar nas verdades; só resta orar muito e fazer penitência: *nisi in oratione et jejunio*. Nossa Senhora a todos nos diz: «Pegai no terço, rezai-o, cumpri a Lei do meu Filho, fazei sacrifícios pelos pecadores. É o que Deus deseja e espera para converter a Rússia, e para salvar o mundo».

* * *

Neste centenário das Aparições de Lourdes, agradeçamos à Mãe de Deus todos os benefícios que Ela nos trouxe por aquela sua vinda à terra e peçamos-Lhe perdão por a sua Mensagem de Massabielle ter sido, por culpa dos homens, tão pouco eficaz. Redobremos de fervor nas nossas orações, para que a sua Mensagem da Fátima não nos tenha sido dada em vão. E para que em breve o seu Coração Imaculado possa ver o triunfo que Ela nos prometeu. E para a conversão dos pecadores e o estabelecimento duma paz segura e duradoura na terra.

Jornadas Universitárias

As Jornadas Universitárias, que a J. U. C. e a J. U. C. F. promoveram na Fátima, nos dias 17, 18 e 19 de Janeiro, constituíram um grande acontecimento da vida católica nacional.

As Jornadas, subordinadas ao tema geral «A vida do cristão na Igreja», visaram renovar e fortalecer a formação pessoal e apostólica dos ju-cistas. As três sessões plenárias, que se realizaram na Basílica, tiveram por tema: «O Mistério da Igreja», «O sentido eclesial da Vida do Cristão» e «O lugar do Leigo na Comunidade Cristã». Houve ainda várias sessões parciais tanto no Santuário como nas Casas Religiosas da Cova da Iria. Estiveram presentes mais de mil e quinhentos rapazes e raparigas de Lisboa, Porto e Coimbra.

A sessão de encerramento presidiu o Senhor Nuncio Apostólico, acompanhado do Sr. Subsecretário da Educação Nacional e de vários Prelados, Reitores e Professores das Universidades, etc.. Cantou-se o Credo e todos ouviram, de pé, uma Mensagem que Sua Santidade enviou ao Senhor Cardeal Patriarca, por motivo destas Jornadas.

Primeiras peregrinações deste ano

No dia 2 apareceram na Fátima os primeiros peregrinos deste ano. Eram constituídos por 32 pessoas de La Mancha (Ciudad Real), de Espanha, na maior parte estudantes do Instituto Nacional de Ensino Médio. Acompanhava-os o P.º Eugénio Sanchez, professor do Instituto, que celebrou missa na Basílica.

No mesmo dia estiveram 35 estudantes das Faculdades de Química e Farmácia de Santiago do Chile, que vieram ao nosso País em visita de estudo.

Em França foi criada uma paróquia dedicada a Nossa Senhora da Fátima

S. E. o cardeal Lienart, de Lille, fundou na sua diocese uma paróquia dedicada a Nossa Senhora da Fátima.

A primeira pedra para a igreja, em Lambertsart, será lançada com toda a solenidade no dia 25 do próximo mês de Março.

Foi encarregado desta nova paróquia o Rev. P.º Luis Vandembulcke que no dia 13 de Outubro esteve na Cova da Iria a tomar parte na peregrinação deste dia.

Cardeal Adeodato Piazza

Morreu em Roma, no dia 30 de Novembro, o Cardeal Adeodato Piazza, Secretário da Sagrada Congregação Consistorial, que ainda em Agosto passado estivera na Fátima, onde veio presidir ao encerramento do Congresso da Ordem Terceira Carmelitana e inaugurar a Casa de Retiros do Beato Nuno.

Descanse em paz.

A PEREGRINAÇÃO DE 13 DE JANEIRO

Quem chegasse ao Santuário da Fátima em 13 de Janeiro ao bater das 11 horas, ouviria os alto-falantes anunciar: — *Vai principiar a Santa Missa que, como de costume, será aplicada por todos os peregrinos aqui presentes, etc.* Nesse momento subia ao altar-mor da Basílica o celebrante Rev. Dr. Armino da Cruz Valente, Chefe dos Servitas, Pároco da industrial Marinha Grande. O povo comprimia-se no interior do templo, e cá fora, com atitude grave e devota, ficara muita gente, em redor do grande pórtico da Basílica, por não terem lugar lá dentro.

Nas bancadas próprias, à frente, entre a massa dos peregrinos e a capela-mor, os enfermos inscritos para a Bênção individual tinham o seu assento reservado. Seriam uns 20, aproximadamente, servidos com solicitude pelas Servitas — Senhoras beneméritas que todos os meses deixam a sua casa, a sua vida habitual e, sem embargo das intempéries da estação, vêm servir, rodear de desvelos e carinhosa assistência os doentes-peregrinos da Fátima.

No momento em que principia a Santa Missa vêm-se dos lados do *presbyterium* numerosos Seminaristas e Religiosos das diversas Ordens e Congregações estabelecidas cerca do Santuário: — da Consolata, do Verbo Divino, Dominicanos, Monfortinos, Carmelitas e Missionários do Coração de Maria. Há numeroso Clero secular, nomeadamente da diocese de Leiria.

É o momento da homilia. O Rev. P. David Simões Rodrigues, Pároco da Calvaria, florescente paróquia da Diocese de Leiria, comenta brilhantemente a visão dos Magos e a sua presteza em seguir a estrela anunciadora do Messias. Ao chegarem a Belém, Maria apresentou-lhes Jesus. É este o fim primacial da maternidade divina de Maria: apresentar Jesus ao Mundo! Logo após a Encarnação do Verbo — Deus de Deus, Luz da Luz, cheio de graça e de verdade, de cuja plenitude todos nós recebemos — Maria vai lestantemente a casa de sua prima Isabel, onde logo comunica Cristo escondido no seu seio. E João Baptista estremece no ventre materno, e sua mãe é iluminada sobre o mistério que faz exultar Maria e inspira o seu *Magnificat*. Cristo nasce! A Virgem Santíssima bem sabe que a Humanidade do seu tempo é rebanho sem Pastor, à mercê de lobos vorazes. E é Ela que tem a missão de mostrar Jesus aos homens desorientados. Na noite em que o Salvador veio ao mundo, os Anjos despertam os humildes do povo, os pastores, dizendo-lhes, entre harmonias de triunfo, que lhes fora dado o Prometido das Nações. E eles vão, pressurosos, os guardadores de rebanhos, em procura do Pastor Supremo. E entrando no estábulo de Belém, Maria apresenta-lhes Jesus, confia-O aos seus braços e inocentes carinhos. Também aos Magos, é a Senhora que mostra o Desejado. E quando o Menino sobe ao Templo, na festa da Apresentação, é dos braços de Maria que Simeão toma o Salvador tão suspirado, a Luz prometida a Israel.

Passam dezanove séculos. 1917. O mundo desviara-se da Estrela da Epifania, afastara-se de Cristo. Maria surge, mais uma vez, a revelar-nos o mistério da salvação, a apontar-nos a Luz Redentora — Cristo! Se o século XVIII enveredara por vias tenebrosas, aceitando uma filosofia de negação de Deus, os nossos dias registam passos mais ousados em tão infernal ideologia. Passa-se da negação de Deus à guerra declarada a Deus (o que implicitamente prova que o homem luta contra a própria luz, pois já não nega a existência que combate). Nova encruzilhada a desorientar a Humanidade. Em sucessivos morticínios, os povos assistem à voragem dos seus filhos e debatem-se contra a miséria, defendendo-se dessa «ceifa» que parece prometer apenas o aniquilamento total. A pira ensanguentada dos corpos e almas, ceifadas pelo demónio, surge, repentinamente, alumada por nova luz que raia em pleno céu de Portugal. Maria revela-se na Fátima.

E de novo as almas, como outrora os Magos, olham para a Estrela onde luzem redentoras promessas. Este movimento parece erguer o género humano do caos em que se precipitara e fazê-lo enveredar por caminhos de salvação.

O pregador teceu, ao terminar, um hino de louvor, parafraseando o Profeta que cantou o restabelecimento de Jerusalém: — «*Levanta-te e ilumina-te, ó Pátria Lusa, que em ti resplandece a Luz — que em ti brilha a aurora do novo mundo, Ela surgiu para ti, e em ti para o mundo inteiro!*...» No momento próprio distribuiu-se, mais uma vez, a Sagrada Comunhão a numerosos fiéis.

Finda a Missa e renovada a Consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, o celebrante conduziu Jesus-Eucaristia, na custódia preciosa, até junto dos enfermos, entre o povo que segurava o Director do Posto Médico, Sr. Dr. José Maria Pereira Gens.

Forma-se a procissão que reconduz Nossa Senhora à sua Capela. O andor, ornado de verdes, onde espregueia uma ou outra rosa crestada pela friagem, passa, aos ombros de Servitas, entre o povo que canta o «Adeus» e olha a imagem tau-maturga com indefinível carinho.

Mons. Marques dos Santos, que preside a esta romagem por se encontrar enfermo S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo Tit. de Eurêa e Vigário Capitular da Diocese de Leiria, benze, no final, todos os objectos religiosos adquiridos pelos peregrinos. Canta-se, em coro, a «Salve Regina», sob a regência do Rev. Dr. Carlos da Silva, do Seminário teológico de Leiria, cuja «Schola Cantorum» vem, em cada dia 13, prestar o seu concurso às cerimónias litúrgicas.

Dentro de pouco, os milhares de peregrinos que neste dia subiram à santa montanha foram-se retirando. Ao lado da Capela das Aparições, ao fazer-se a dispersão, aglomeraram-se umas dezenas de pessoas, contrastando suas vestes escuras com a alvura do vestido de uma criança em traje de primeira comunhão que era o centro das atenções daquele círculo humano. Era um sinal, aquela neo-comungante cândida e inocente. O mundo, *envolto em negras roupagens*, ainda se deleita na contemplação do que de si é elevado e grande, embora lhe faleça — tantas vezes! — o valor moral para, na vida prática, observar o que na verdade valoriza e engrandece perante Deus e mesmo perante o seu semelhante.

V. de M.

PEREGRINAÇÃO da Universidade do Rio de Janeiro

No dia 11 de Janeiro, chegaram à Cova da Iria 34 estudantes da Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O Rev. P.º Francisco Leme Lopes, que os acompanhava, celebrou missa na Capelinha das Aparições e durante ela todos comungaram. Acolitaram à missa um finalista da Engenharia e um terceiranista de Direito, ostentando a sua fita azul de congregados.

O bondoso sacerdote fez uma enteneceadora homilia sobre a Mensagem da Fátima e o seu triunfo no mundo e indicou quais os propósitos a tomar para uma vida verdadeiramente cristã. As lágrimas marejavam os olhos destes estudantes brasileiros, que visitavam pela primeira vez o lugar santificado pela presença da Virgem Santíssima.

Vice-Reitores de Seminários

Também no dia 11 de Janeiro, disseram missa na Capelinha das Aparições os Revs. P.º Carlos Zelareyan e P.º Aurélio Marcos, Vice-Reitores, respectivamente, dos Seminários diocesanos de Tucumán, Argentina, e Flórida, Uruguay. Depois de visitarem o Santuário seguiram para Salamanca.

CONHEÇA BEM O SEU DOENTE

Por um conjunto de circunstâncias que não pretendo equacionar, assistimos à perda progressiva da noção de personalidade humana do doente, entre os profissionais de Medicina. O homem que sofre é conhecido pelo número da cama que ocupa na enfermaria, pela extravagância do problema patológico que o torna «um caso curioso» ou pelo número da ficha de inscrição no organismo corporativo a que pertence. E se nos lembrarmos que a doença traz uma exaltação das características humanas, sentimos a gravidade de tal facto.

A análise do doente só é total, se o considerarmos elemento do ambiente em que vive. Temos de estudar em pormenor este ambiente, sob pena de não resolver o problema patológico que nos é confiado, ou, o que é mais grave, de o complicar.

O desenvolvimento mental do doente, a reflectir o nível intelectual do seu meio, tem de ser perfeitamente definido. Todos nós conhecemos exemplos de uma determinada medida terapêutica não ter sido cumprida, porque o doente a não compreendeu ou por um familiar, tantas vezes um anal-fabeto, a «não achar conveniente».

A situação económico-social tem uma importância muito grande no tipo reaccional físico e psíquico do homem. Mas além disso, condiciona a possibilidade de recorrer a este ou aquele meio de tratamento e de o manter

PALAVRAS DE UM MÉDICO

durante o tempo indispensável. Todos os dias vemos doentes cujo tratamento é muitas vezes superior à possibilidade económica de que podem dispor, o que agrava o desequilíbrio financeiro consequente à doença. A escolha dos medicamentos tem de contar com este factor, evitando que o doente abandone o tratamento pelo que tem de dispendioso e demorado.

O clima familiar e profissional projecta-se na maneira como o homem encara a doença. Deste modo devemos procurar saber como o doente vê a família e é visto por ela, conhecer as relações com as identidades patronais e os companheiros de profissão; procurar saber como ocupa as suas horas de ócio.

Só assim podemos pensar que «conhecemos» o doente, noção indispensável para que o tentemos ajudar.

A íntima relação do psíquico com o somático, do humano com o animal, cuja resultante total é o Homem, criou uma especialidade em Medicina — «a psicossomática». Todavia creio que o conhecimento dessa relação deve ser um pormenor básico na formação de quem se propõe fazer clínica.

Se assim for, haverá menos profissionais de medicina para haver muitos mais Médicos.

Porto, 27 de Dezembro de 1957.

Nuno Rodrigues Grande

Graças dos Servos de Deus

D. Piedade Vieira Moro, de Mata de Lobos, escreve: «Tendo minha irmã em estado grave, sem quaisquer esperanças de cura, dada a natureza da doença e a idade avançada em que se encontra, recorri a Nossa Senhora da Fátima por intermédio da pequena vidente, a Jacinta, prometendo uma pequena esmola e a publicação da graça, no caso de ser atendida. Depois de pedir com muita fé e, juntamente comigo, outras pessoas a quem recomendei a mesma intenção, fui atendida na minha súplica, tendo minha irmã recuperado o seu estado normal, anterior a esta grave e desalentadora crise que, humanamente, já não se podia resolver. Por isso, aqui estou a dar cumprimento à minha promessa e a enviar 25\$00 para ajuda das despesas a fazer com o processo da Beatificação da pequena Vidente».

D. Lúcia Novais, João Pessoa, Brasil, em carta de 7 de Agosto de 1953, escreve que um seu cunhado se encontrava em situação financeira difícil, e procurava vender uma sua propriedade para resolver tal situação, no que encontrava imensas dificuldades. Prometeu à Jacinta que se ele alcançasse a graça de aparecer comprador para a referida propriedade de modo que visse o seu parente novamente tranquilo, sem dívidas nem preocupações, comunicaria ao Santuário da Fátima esta graça. Assim o faz com muito reconhecimento, pois em 6 de Junho daquele ano ficou tudo resolvido. Enviou 150\$00 para a Beatificação da Jacinta.

Agradecem graças e enviaram esmolos:

D. Maria Vieira Teixeira, Funchal . . . 20\$00
D. Aida Freitas da Silva, Ponta Delgada
Uma devota, Ribeira Grande, S. Miguel . . . 5\$00
D. Rosária de Jesus, Lisboa . . . 40\$00
D. Maria Amália Fernandes, Fuzeta . . . 20\$00
D. Maria Graciosa Trigueiros, Fundão . . . 10\$00
Manuel da Cunha, S. Martinho, Silveiras, Fafe . . . 100\$00
D. Jesuina Augusto Vieira, Raminho, Terceira (Açores) . . . 40\$00
Álvaro Ferreira, Vila Verde da Raia, Chaves . . . 62\$00
Maria Luís, idem . . . 15\$00
Directora da Casa de Saúde de Nogueiró, Braga . . . 20\$00
J. A. C. de Mansores, Arouca . . . 20\$00
D. Maria Vitória Rosa, Grândola . . . 20\$00
D. Sofia Madalena Sousa, Águas de Pau, S. Miguel, Açores . . . 45\$00
D. Maria José de Moura Portugal Mendes, Teixoso . . . 20\$00
D. Amélia Figueirinhas, Cambra de Vouzela, Oliveira de Frades . . . 10\$00

Mannel Júlio da Silva Ferreira, S. Romão da Ucha, Barcelos . . . 50\$00
Anónima de Azeitão . . . 20\$00
D. Maria Amélia G. B. da Silva, Velas, S. Jorge (Açores) . . . 65\$00
Anónima . . . 20\$00
D. Maria Joaquina Martins do Pinho, Fundo de Coelheira V. de Cambra . . . 5\$00
D. Alice Ferreira, Tondela . . . 20\$00
Avelino José Cerqueira Marques, Viana do Castelo . . . 20\$00
D. Conceição Picado Miranda, Aveiro . . . 12\$50
D. Maria da Conceição Barbosa, Mosteiró, Vila do Conde . . . 20\$00
D. Maria da Natividade Neres Neto, Moncarapacho . . . 20\$00
D. Maria Madalena Machado Álvares, Porto . . . 20\$00
Eduardo Nunes dos Santos, Lisboa . . . 20\$00
D. Elvira Alves da Silva Costa Pina, Pinhel . . . 10\$00
D. Maria Alice Baeta de Campos Nogueira, Góis . . . 10\$00
D. Maria Adelaide Nunes, Castelo Melhor . . . 40\$00
D. Lídia Panqueira, Lisboa . . . 2\$00
D. Maria dos Anjos Nogueira, Sarzedas . . . 20\$00
D. Maria da C. Fonseca, Marmeleiro . . . 20\$00
D. Maria da Conceição Barbosa, Mosteiró, Vila do Conde . . . 20\$00
D. Maria das Dores Mesquita Mourão, Gandarela de Basto . . . 20\$00
D. Maria Emília Barata Neves, Sortelha, D. Adília Pires Tenório, Lisboa . . . 120\$00
Capitão Renato Manuel dos Reis e Silva, Ponta Delgada . . . 5\$00
D. Belmira de Jesus de Matos, Póvoa e Meadas . . . 25\$00
Alberto da Costa Pinto, Cabacos, Ponte de Lima . . . 20\$00
D. Maria dos Anjos do Rego C. Brum, São Miguel, Açores . . . 20\$00
João Baptista, Gamil, Barcelos . . . 5\$00
D. Maria Rosa Varajão, Casa da Lage, Arcos . . . 30\$00
Artur Rodrigues Guodes, Mesão Frio . . . 5\$00
Valente B. Gonzales, San Antonio, Texas (5 dollars) . . . 143\$50
Franciscanas Missionárias de Maria, Coimbra . . . 20\$00
D. Filomena da Silva Galvão e filhos, Montemor-o-Velho . . . 50\$00
Uma devota de Guadalupe, Graciosa, Açores . . . 20\$00
Álvaro Leite, S. Emilião, Póvoa de Lanhoso . . . 20\$00
D. Maria Olívia de Almeida Carvalhaes, Porto . . . 40\$00
D. Margarida Caetano da Silva, Sardoura, Castelo de Paiva . . . 50\$00
D. Maria de Lourdes de Albuquerque, Coimbra . . . 20\$00
Por interm. de D. Maria T. Pereira da Cunha (esmola recebida no Brasil) . . . 38\$50
D. Vitória de Almeida Passos, Coruche . . . 10\$00
D. Maria Emília Mendes de Sousa, Pousada, Arouca . . . 20\$00
D. Alice Coutinho Gonçalves da Fonseca, Porto . . . 20\$00
D. Elvira Valente Martins, Válega . . . 20\$00
D. Germana Ferreira, Campeã, V. Real . . . 25\$00
Sister Mary Patrice, Peoria, Illinois, U. S. A (1 dollar) . . . 28\$60
Sister Mary Louise, Michigan (5 dollars) . . . 143\$50
Mrs. G. Russell, San Antonio, Texas (5 dollars) . . . 143\$50
D. Virgínia Pires Pereira, Porto . . . 20\$00
D. Clotilde Lopes da C. Alcada, Lisboa . . . 50\$00
D. Maria José Machado Pereira Osório, S. Martinho do Campo . . . 7\$00
Mrs. K. M. Kelly, Tipperary, Eire . . . 14 libras

Exéquias solenes pelo Senhor Bispo de Leiria

Como estava anunciado, realizaram-se no dia 7 de Janeiro, na Basílica da Fátima, exéquias solenes por alma do saudoso Bispo de Leiria D. José Alves Correia da Silva.

Para tomar parte nos sufrágios vieram representantes de todas as freguesias da Diocese. As 10 horas, já a Basílica se encontrava repleta de fiéis. Panejamentos negros, franjados a ouro, no interior e exterior do templo, assinalavam o luto pela morte do grande Prelado.

No transepto encontrava-se a essa e sobre ela a mitra do Senhor D. José. Grandes tocheiros ladeavam a essa. O local onde se encontra a urna — na parede lateral da capela-mor — estava assinalado por um pano negro com uma grande cruz a ouro.

Momentos antes das 10 horas, ocuparam lugar na Basílica, para assistirem à piedosa cerimónia, os Srs. Governador Civil do Distrito, Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, os Presidentes dos Municípios de Leiria, Batalha, Porto de Mós e Marinha Grande; representantes dos Cabidos de várias Dioceses, dos Superiores de várias ordens e congregações religiosas; comunidades e alunos das casas religiosas, seminários e colégios da Cova da Iria e muitas outras entidades.

Na capela-mor, do lado da epístola, tomaram lugar os Senhores Bispos de Beja, Limira e Faro. Do lado do evangelho estavam os Senhores Arcebispo de Fízico, Bispos de Lamego e de Vila Real e Auxiliares de Coimbra e de Beja; e os Cônegos do Cabido de Leiria. O Senhor D. João Pereira Venâncio, Vigário Capitular da Diocese de Leiria, não pôde estar presente, por motivo de doença.

O Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa ocupou lugar no trono, tendo como presbítero assistente o Sr. Cônego José Amaro Teixeira e assistentes ao sólio os Srs. Cônegos Correia de Sá (Asseca) e Manuel Luís.

A «Schola Cantorum» do Seminário de Leiria executou o canto de «Laudes» do Ofício de Defuntos, enquanto os sinos da torre dobravam a finados. Todas as pessoas se apresentavam de luto rigoroso.

Celebrou a missa solene o Senhor Arcebispo-Bispo de Coimbra, acolitado pelos Srs. P.º Manuel dos Santos Craveiro e Dr. António Carreira Bonifácio. Dirigiram as cerimónias Mons. Honorato Monteiro, de Lisboa, e Cônego Dr. Aurélio Galamba de Oliveira, de Leiria.

Finda a missa, subiu ao púlpito o Senhor Bispo do Algarve, D. Frei Francisco Reudeiro, que durante 60 minutos teve o auditório suspenso dos seus lábios, atento ao desenrolar de uma vida cheia de virtudes, de actividades e de exemplos admiráveis. As pa-



Durante o Pontifical celebrado por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo-Bispo de Coimbra

lavras do Senhor Bispo do Algarve provocaram a maior comoção nos fiéis, muitos dos quais não puderam conter as lágrimas.

Em seguida, com todo o cerimonial litúrgico, o Senhor Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, deu a absolvição final, enquanto a «Schola Cantorum» entoava os últimos versículos do «Libera me» e o povo rezava as últimas orações por alma do virtuoso e querido Bispo de Leiria e da Fátima, que para sempre repousará no templo que ele ergueu e que tornou num dos maiores Santuários marianos do mundo.

As Lições e o Exemplo de uma Vida

Excertos da Oração Fúnebre feita por S. Ex. Rev.º o Senhor Bispo do Algarve

Esta Basílica gloriosa da Fátima, este Santuário bendito que a Mãe do Céu consagrou com a Sua presença, tem vivido horas cheias de fé e de entusiasmo. O dia grande da solene Coroação da Veneranda Imagem em 1946, o do Encerramento do Ano Santo em 1951, as grandes Peregrinações presididas sucessivamente pelas mais distintas figuras do Colégio Cardinalício, são acontecimentos que não podem esquecer os que neles tiveram a dita de participar, e que a História da Igreja em Portugal recordará ufana para os vindouros.

Esses grandes dias que encheram de glória Portugal inteiro, tiveram alguém que foi a sua alma, o seu organizador, o seu obreiro. Esse alguém sempre presente, mesmo quando a sua abalada saúde só lhe permitia ser conduzido como preciosa relíquia, sabia esconder-se na modéstia mais admirável e na simplicidade mais encantadora.

Mas era ele, o Senhor D. José Alves Correia da Silva, quem tudo organizava, quem tudo fazia, consciente de ser na terra o humilde mas glorioso instrumento da Santíssima Virgem.

E nós inclinávamo-nos reverentes à sua passagem, beijávamos respeitosamente

a sua mão, habituados a identificar a sua pessoa com as próprias realidades da Fátima.

E hoje, o ambiente fúnebre deste Santuário, o toque plangente daqueles sinos, e os panejamentos negros desta Basílica dizem-nos que o Senhor D. José já não é deste mundo.

Quando há um mês a notícia correu Portugal e passou as suas fronteiras para chegar a todos os cantos da terra, sentimo-nos todos atingidos pelo luto que cobria a sua Diocese. Já esperávamos há muito essa notícia, mas sentimos o golpe d'loroso da sua morte como se ela fosse verdadeiramente inesperada.

E viemos. Rezámos por sua alma as preces solenes da Igreja, acompanhámos o seu cadáver na última viagem de Leiria até aqui, e assistimos à grandiosa manifestação de pesar que era dos seus Diocesanos, mas era também de Portugal inteiro e mais parecia apoteose de triunfo do que acompanhamento de funeral.

O primeiro Bispo de Nossa Senhora da Fátima

Nos desígnios da Providência o Senhor D. José havia de ser mais do que o glorioso restaurador da sua Diocese, havia de ser o privilegiado instrumento dos maiores acontecimentos religiosos do nosso tempo, o primeiro Bispo de Nossa Senhora da Fátima.

Quando hoje pensamos que a Santíssima Virgem o escolheu para lhe entregar os destinos das aparições, para confiar às suas mãos a evolução dos acontecimentos, não podemos deixar de admirar — à nossa maneira humana — quão acertada foi a escolha.

Que semelhança entre a dureza da serra, e o carácter forte do Senhor D. José, que semelhança mais ainda entre a simplicidade de vida destas gentes, entre a cândida inocência dos Pastorinhos e a alma verdadeiramente simples e cândida do Senhor Bispo de Leiria! Por isso se sentiam tão bem com ele as crianças da Fátima, por isso as aparições encontraram na sua alma um eco tão profundo.

Eu penso que a Fátima é a grande revelação da alma do Senhor D. José.

Alguém escreveu que para o Bispo eleito de Leiria, a Fátima era «mais uma fonte de preocupações e responsabilidades». Eu não creio. Imagino o Senhor Bispo de Leiria a aceitar, com uma intuição admirável e com uma simplicidade encantadora, a verdade dos acontecimentos, logo que deles teve conhecimento. Bem sei que o novo Bispo, entrando na Diocese a 5 de Agosto de 1920, só um ano depois foi à Fátima; só em 1922 nomeia a Comissão encarregada de estudar os factos, e só em 1930 se pronuncia oficialmente. Parece à primeira vista uma lentidão extraordinária, filha talvez da incerteza, da dúvida, da noção da própria responsabilidade.

Eu creio, porém, que a alma do Senhor D. José foi conquistada pela Santíssima Virgem, desde a primeira hora. Eu creio que ele nunca duvidou.

Quem lê atentamente o documento de 1922 em que o Prelado nomeia a Comissão encarregada de estudar os acontecimentos, fica impressionado com a sua linguagem clara e até com a sua argumentação decisiva a favor da verdade das Aparições.

Dir-se-ia que o coração do crente atraçou a pena do Bispo.

Entretanto o Senhor D. José, com uma prudência extraordinária, vai confiar o caso aos estudiosos, e vai confiá-lo sobretudo ao tempo, que nestas coisas ainda é o melhor crítico.

Muitos hão-de admirar-se de ele não ter pressa em pronunciar-se. Há-de dizer-se mesmo que foi preciso Roma instar.

Entretanto o coração do Senhor D. José estava preso a Nossa Senhora e já ninguém o poderá conter na expansão da sua fé e do seu amor.

A 13 de Outubro de 1921, três semanas depois da sua primeira ida à Fátima, ele autoriza a primeira missa campal para os peregrinos. Era o primeiro acto de culto, era a primeira manifestação de carinho da Igreja para com a Fátima,

antes mesmo de começar o estudo canónico dos factos.

Desde então assistiremos a um desenrolar contínuo de gestos e atitudes de simpatia do Senhor D. José para com a Fátima.

Em Outubro de 1922 aparece o jornal «Voz da Fátima».

Em 1924 é criada a obra dos Servitas para auxiliarem os peregrinos.

Em 1925 são regulamentadas as peregrinações.

Em 1926 é criado o Posto das Verificações médicas para auxiliar os doentes e verificar os casos miraculosos.

Erguem-se os primeiros edifícios.

Levanta-se a Capela das Confissões onde os peregrinos podem reconciliar-se com Deus, e o Albergue onde os doentes podem recolher-se durante a noite e onde comecem logo a realizar-se os primeiros retiros.

Tudo isto antes que a Igreja se houvesse pronunciado sobre a verdade das Aparições. Porquê?

Porque o bom povo português acreditara que a Santíssima Virgem aparecera na Fátima. Pelos ásperos caminhos da serra, sem as mais elementares comodidades, os peregrinos vinham rezar, cantar, implorar graças, agradecer milagres.

Era preciso não desiludir este povo crente. E embora sem quebrar as normas de prudência que a Igreja segue, era preciso ampará-lo na sua Fé, ajudá-lo na sua devoção para ir realizando desde logo o que se dizia ser a mensagem de Nossa Senhora — Oração, penitência, emenda de vida.

As obras materiais realizava-as o Senhor D. José à medida das necessidades. As obras materiais têm todas o cunho do tempo em que se fazem. E o tempo é essencialmente movido e passageiro.

Se nos lembrarmos que o plano geral do Santuário foi traçado antes de 1930, quando ainda não se havia declarado oficialmente a verdade das Aparições, não podemos deixar de admirar o arrojo do Prelado que o concebeu tão grandioso. Se nos lembrarmos que à data desse plano ainda se estava longe, muito longe de prever a repercussão mundial que as aparições iriam ter, não podemos estranhar que num ou noutro ponto a obra material se mostre hoje insuficiente.

Mas acima da obra material, muito acima dessas construções que hoje vemos, a grande preocupação do Senhor D. José foi para uma obra bem mais grandiosa, bem mais importante: a obra espiritual da mensagem de Nossa Senhora.

«STELLA»

Depois de uns meses de justificada ausência, reaparece, com a tradicional beleza gráfica e valor literário, a revista **STELLA** — publicação mensal soberbamente conhecida, com a sede na Fátima, onde há 21 anos começou a correr mundo.

O número que agora recebemos é uma notável homenagem ao seu grande impulsor há pouco falecido, Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria e Fátima.

Desejamos que, removidas já, por graça de Deus, as dificuldades que obrigaram a **STELLA** a esta longa paragem, ela continue, com a mesma arte e a mesma fidelidade de sempre, a ser a Pregoeira da Mensagem da Fátima e a anunciadora das bondades e das glórias de Maria.

Senhora da Fortaleza Cruzada da Fátima

TODAS as virtudes brilham em Nossa Senhora, no mais alto grau atingido por criatura humana. Por isso lhe é devido o culto de hiperdulia, que nenhum outro Santo merece.

Todavia, há virtudes que mais nos impressionam, talvez porque nos sentimos particularmente fracos para praticá-las. Entra nesta categoria a fortaleza. Tão graciosa e frágil, Nossa Senhora foi sempre a Mulher forte, de que fala a Escritura. Quer se considere na mais tenra idade, em casa de seus Pais, quer no Templo, ao serviço do Senhor, a partir dos três anos; quer se veja no seu lar, de Nazaré, em companhia de José e de Jesus, ou só, quando José já terminara gloriosamente o «bom combate» da terra, e Jesus iniciara a cruzada pública da redenção humana, quer nas horas da soledade, quando no sepulcro, cedido por esmola, jazia inerte e escalavrado o Corpo do Senhor; quer se encare nas horas promissoras, da Ressurreição à descida do Espírito Santo, quando com seu conselho e presença iluminava e encorajava os Apóstolos para as jornadas heróicas da evangelização universal, quer junto de S. João Evangelista, como Filho e Mãe, conforme o comovente Testamento da Cruz: sempre a Senhora foi igual a si mesma — supremamente serena, soberanamente forte, vendo em todos os acontecimentos o desenrolar do plano divino, concebido desde a eternidade, providencialmente realizado no tempo, em seu momento próprio e preciso.

Com piedoso Autor, poderíamos estudar três capítulos nesta vida singular de fortaleza: as lutas, as provas, as decisões.

Não passou a Senhora pelo drama tempestuoso que em certas almas atea a concupiscência, pois sempre a sua sensibilidade, e inteligência, e fé, se moveram em luminosa harmonia. Mas não é essa a única raiz da luta que os homens têm de manter, na escalada da vida. Outras há, e por vezes mais dolorosas.

Para alma tão delicada como a de Nossa Senhora, para mais, dotada de singular acuidade dos mistérios de Deus e consequentemente da excelência da virtude e da perversidade do pecado, o meio em que viveu fê-la sofrer pungentemente.

Piedosas eram as Meninas que no Templo serviam com Ela. Mas na concepção da vida, era profunda a diferença entre elas e a Santíssima Virgem. E ali iam oferecer os sacrifícios multidões incontáveis, com frequência levadas por motivos maculados de pequeninos interesses egoístas. Porque então, como hoje, a pureza da religião era muitas vezes manchada por feios sentimentos interesseiros. Acções generosas em si mesmas, logo se escurecem pelas razões que em sua raiz se encontram. E a Senhora, que sabia ler misteriosamente nas almas, por penetrante intuição da sua santidade, sofria cruelmente com o burguesismo grosseiro dos seus concidadãos, que mercadejavam com Deus.

Em toda a vida de Nazaré, a mesma perpétua contradição. A mesma? Antes mais aguda, porque no Templo ainda havia vislumbres de religião, e os judeus de Nazaré eram mestres em fazer da vida um balcão. Quezilentamente formalistas, escrupulosamente fiéis à lei e à tradição, cujo espírito não viviam, falavam muito no reino de Deus, mas tinham os olhos principalmente fixados no reino dos homens. Embora recolhida na calma atmosfera do seu lar, iluminado de graça, Nossa Senhora tinha de entrar muitas vezes em contacto com este mundo inquieto e turbulento. A isso a levava a caridade, e também a necessidade de tratar questões referentes ao arranjo doméstico e à profissão de S. José.

Mas as lutas mais dolorosas foram as que provieram, primeiro, da ausência de Jesus, lançado no turbilhão do seu ministério público, depois, da perseguição acintosa e infatigável de sacerdotes e de doutores da Lei, de fariseus, saduceus e anciãos do povo, que trágicamente culminou na Paixão e Morte do Senhor.

Principalmente nesta fase, as lutas confundem-se com as provas mais amargas. Vem de séculos a tradição das sete dores de Nossa Senhora. Sete ou mil, certo é que a vida da Santíssima Virgem também em seus mistérios dolorosos se confunde com a vida de Jesus. Derramou sangue o seu coração, na Circuncisão do Menino, na cena ritual do Templo, na flagelação e coroação de espinhos, no pretório de Pilatos, ao longo do caminho do Calvário, na perfuração da lança, pelo Centurião, já sobre a Cruz. Derramou sangue, no sangue de Jesus. Mas, se a vida do Senhor foi toda ela uma cruz — aquela cruz que já misticamente se projectava sombria sobre o divino Infante, na Gruta de Belém — também foi cruz a vida da Senhora que, já depois das horas gloriosas da ressurreição, se prolongou em saudade, até à hora libertadora da morte, seguida da Assunção.

Por isso a Igreja invoca Maria sob a designação de Rainha dos mártires, e S. Bernardo estranha que na Escritura não se cite o seu nome, ao falar-se dos sofrimentos maiores.

E, contudo, a Virgem Santíssima passa os seus dias em paz inalterável. Nas horas despreocupadas, nas horas ansiosas, nas horas dramáticas, é sempre igual. Para ela são boas todas as horas, porque todas elas são horas de Deus.

Triste às vezes — até o Senhor no Getsemani sentiu triste até à morte a sua alma — nem num só momento perdeu a paz.

Por isso a Senhora das Dores, da Agonia, da Morte, é sempre a Senhora da Paz, a Senhora das Vitórias, a Senhora da Vida.

Baixamos os olhos do espírito deste celestial modelo até à cópia que devemos ser. Que testemunho damos de nós próprios?

† MANUEL, Arcebispo de Évora

O movimento do Santuário da Fátima em 1957

Durante o ano de 1957 estiveram na Cova da Iria mais de um milhão de peregrinos, entre os quais se contam muitos milhares de estrangeiros de todos os pontos do globo. Uma religiosa dominicana falou no seu convento com peregrinos de 64 países.

Estiveram no Santuário 2 Cardeais romanos e um espanhol e 24 Prelados estrangeiros. Quase todo o Episcopado Português veio à Cova da Iria durante o ano findo e aqui efectuou o seu retiro anual.

Entre as peregrinações estrangeiras contam-se uma da Checoslováquia, outra da Grécia e um grupo do Vietnã.

Realizaram-se dois Congressos internacionais com a participação de milhares de Congressistas.

Nas Casas dos Retiros tiveram lugar 28 turnos de exercícios espirituais e 18 cursos de formação religiosa.

Foram distribuídas durante o ano para cima de 270.000 comunhões.

Na Capela das Aparições celebraram-se 3.331 missas. Na Basílica e nas outras Capelas do Santuário, das Casas Religiosas e Conventos da Fátima, celebraram-se para cima de 20.000.

Durante o ano findo realizaram-se 693 casamentos e 91 baptismos.

No local das Aparições, a prestar homenagem a Nossa Senhora da Fátima, no 40.º aniversário das suas Aparições na Cova da Iria, estiveram ministros, embaixadores, generais, actores, escritores e jornalistas, diplomatas, sacerdotes e fiéis de todas as partes do mundo.

Outro o povo de Deus, exilado no Egipto, recebera do Senhor graças incomparáveis que lhe facilitaram a libertação do jugo do faraó e o favoreceram, através de longa travessia, a caminho da Terra da Promissão.

Na soma de graças com que os Israelitas foram enriquecidos, está a ordem que, por meio de Moisés, receberam do Senhor, mandando que as portas de todas as casas, que serviam de habitação a esse povo privilegiado, fossem tingidas com o sangue de um cordeiro.

Desta maneira foram poupadas pelo anjo exterminador todas as casas que o sangue do cordeiro assinalou.

Quer-nos parecer que também agora as bênçãos do céu vão cair abundantes sobre todas as casas em cujo frontispício se erguer a bandeira da Imaculada Mãe de Deus... que vão ficar assinaladas com o grande sinal da libertação aquelas famílias cujas portas se abrirem à gloriosa Cruzada da Fátima a que nos temos referido nos números anteriores.

Pobres mortais que nos encontramos nesta terra de exílio, tenhamos

Prelado Brasileiro

De passagem para Roma, chegou no dia 9 de Janeiro ao Santuário, onde rezou missa na Capela das Aparições, Sua Ex.^a Rev.^{ma} Dom Agnelo Rossi, Bispo de Barra de Pirai, no Estado do Rio de Janeiro.

O ilustre Prelado, que há 6 anos esteve pela primeira vez na Fátima, quando era vice-reitor da Universidade Católica de São Paulo, com um grupo de estudantes desta Universidade, veio agradecer a Nossa Senhora da Fátima os benefícios concedidos à sua diocese durante a peregrinação da imagem de Nossa Senhora. Esta imagem foi benzida no Santuário e conduzida através da sua diocese pelos Padre Capuchinhos.

O Senhor Dom Agnelo Rossi, que é filho de pais italianos, e que tem na sua diocese a Universidade Rural, frequentada por mais de 500 alunos de toda a América Latina, a grande Fábrica da Siderurgia brasileira, a Academia Militar de Agulhas Negras e o Colégio Naval de Angra de Reis, dirige-se a Roma, onde vai dar um curso sobre protestantismo aos alunos do Colégio Brasileiro. Sua Ex.^a Rev.^{ma} faz parte do Secretariado de Defesa da Fé no Brasil, organização destinada principalmente a deter a propaganda protestante.

O Prelado de Barra do Pirai, que dedicou já 10 paróquias da sua diocese a Nossa Senhora da Fátima, esteve na Basílica a rezar nos túmulos dos videntes, e visitou o lugar de Aljustrel e os «Valinhos».

Dia das vocações religiosas

Como preparação para o Congresso Nacional dos Religiosos a realizar este ano em Lisboa, efectuou-se na Fátima, a 12 de Janeiro, o dia das vocações religiosas, que constou de uma hora santa na Basílica e de uma sessão no salão de festas do Seminário do Verbo Divino.

À hora santa assistiram representantes de todas as Casas Religiosas existentes na Fátima, e que são ao todo 22, os Seminários Dominicano, dos Padres Monfortinos, do Verbo Divino e da Consolata, com os respectivos directores e professores e bastante povo da Cova da Iria e arredores.

Depois da exposição do Santíssimo Sacramento, o Rev. Frei Nuno, superior da Casa de Retiros do Beato Nuno, proferiu uma alocução sobre a vocação religiosa.

As 6 horas da tarde efectuou-se a sessão no Seminário do Verbo Divino. O Rev. P.^o Aníbal Coelho, superior da Casa dos PP. Missionários do Coração de Maria, na Fátima, falou sobre a vida religiosa e o seu valor na Igreja, em todos os tempos. Exibiu-se um filme documentário da vida religiosa.

coragem para sacudir o jugo triste da prisão dos sentidos e, escudados na protecção d'Aquela que venceu todas as heresias, olhemos esperançados para a verdadeira Terra Prometida — a pátria dos eleitos para a qual fomos criados.

Se outrora o sangue do Cordeiro Pascal protegeu Israel, mais tarde foi o Sangue preciosíssimo do Cordeiro Imaculado que, lavando o mundo das suas iniquidades, veio trazer a verdadeira reconciliação entre Deus e os homens.

Mas essa libertação veio-nos por intermédio de Maria, a Mãe da Divina Graça, a divina beldade que trouxe ao mundo a graça toda, Aquela mesma que em 1917 sorria na Fátima a três humildes crianças e mostrava os arrebitos dum Portugal novo que voltaria a ser pátria de heróis e de santos.

Quem dera que todos os portugueses a compreendessem... que a grande Cruzada da Fátima encontrasse acolhimento em todas as casas, apressando assim o cântico da libertação, nesta hora em que as forças do mal parecem apostadas em destruir a Igreja de Deus!

Mas, se a Mãe do Senhor protege os seus filhos, nada mais nos resta, do que depositar n'Ela uma confiança plena e irmos afoitos para a luta, como diz uma das quadras do hino da Cruzada:

«Cruzados da Virgem, a lutar, vencer Com nobre audácia e amor decidido. A hora é dos fortes, não há que temer, Avante p'ra luta, de rosto erguido».

E digamo-lo de verdade: o povo acolhe com entusiasmo crepitante o clamor da Cruzada.

Da Diocese de Lamego

A hora em que escrevo estou a chegar da vila de Tarouca onde a campanha a favor dos Cruzados da Fátima subiu em maré alta de fervor. Toda a pregação se transformou em romagem comovente de fé em Deus e amor à Mãe Puríssima, neste povo crente onde o culto da Fátima já criou raízes fundas.

Em casa, aguardavam-nos gratas notícias dos frutos colhidos noutras terras onde a cruzada já fora pregada. Assim, de Figueira, vieram 22 listas, correspondentes a 22 trezenas que ali se organizaram; de Cepões, 13 trezenas; de Ferreirim, 8 trezenas; de Longroiva, 3 trezenas.

Do Rev.^{mo} Arcipreste de Tabuaço, chega-nos um pequeno relatório, com a indicação das paróquias do seu arcepresado, onde a cruzada fora pregada e dos respectivos pregadores. Assim, em Adorigo, ela fora pregada pelo Rev. Cónego José Cardoso de Almeida; em Tabuaço e Barcos, pelo Rev. Cónego Ilídio Augusto Fernandes; em Arcos, pelo Rev. José Alves Amorim; em Chavães, Granja do Têdo, Pinheiro e Vale de Figueira, pelo Rev. Manuel Gonçalves Pereira; em Desejosa, Pereira e Valença do Douro, pelo Rev. Acácio Vieira Branco; em Granjinha e Sendim, pelo Rev. Américo Albino Gomes; em Longa, pelo Rev. Armando Augusto Tomé; em Paradela e Távora, pelo Rev. Dinis Soeiro Coelho e em Santa Leocádia, pelo Rev. Acácio Oliva Teles.

I. F.

REUNIÃO dos Directores Espirituais dos Seminários

Estiveram reunidos durante 3 dias os directores espirituais dos seguintes Seminários: de Lisboa (3), Portalegre, Gavião, Évora, Lamego, Vila Viçosa, Beja, Figueira da Foz, Braga, Leiria, Fátima, Porto, Bragança, Vila Real, Tomar, Cucujães, Aveiro, Viseu, Cernache do Bonjardim, Guarda, Fundão e Coimbra.

A reunião teve por fim estudar, aperfeiçoar e uniformizar os métodos de direcção espiritual dos diversos seminários do País. É a terceira vez que se realiza esta reunião.